

A AQUISIÇÃO DE OBRAS PARA A GALERIA DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES DO RIO DE JANEIRO

Maria do Carmo Couto da Silva¹

A Escola Nacional de Belas Artes, no começo do século XX, funcionava como principal museu de arte da cidade do Rio de Janeiro. Nesse espaço eram exibidos quadros de artistas nacionais e estrangeiros, adquiridos após as Exposições Gerais de Belas Artes.

A importância da exibição de coleção de obras de arte da Academia Imperial para a sociedade local pode ser constada em diversos textos publicados já nos anos 1870, como o de Julio Huelva, que comenta os problemas encontrados nesse acervo:

Se é certo que deve ser julgada a civilização de um povo, pelo estado de desenvolvimento a que elle tiver levado as bellas artes, o mundo olhará para nós com piedade e decerto negará todas as conquistas, que inegavelmente temos feito em muitos outros ramos de conhecimento humanos.

As bellas artes, entre nós, quasi não existem. Vegetam, apenas encarceradas aos estreitos cacifos de uma academia pequena por fora e por dentro.

Galerias de pintura e esculptura, que são em todas as nações, a verdadeira escola para educar o povo, pela contemplação do bello e arreigar nelle a estima e superação das artes – não as tem nosso paiz.

As colleções artisticas dos particulares são poucas e todas mediócras e a única coleção official – a da Academia de Bellas Artes – só tem de pomposo o título de pinacotheca.

(...)

Nesse simulacro de museu artístico vivem, em relações de perfeita amizade, as cópias com os originaes, Escolas – nem mesmo classificadas... (HUELVA, 1875: 1)

Na década seguinte, novas questões foram apresentadas pelos críticos, como o constante fechamento do espaço, que impedia que o público pudesse ver importantes obras de arte, como a *Primeira Missa no Brasil*, de Vitor Meireles ou os quadros de Pedro Américo. Dessa forma, encontramos outro texto, escrito por França Júnior, publicado em 1886, que continua o discurso de Huelva:

¹ Doutora em História da Arte pelo IFCH/UNICAMP. Pós-doutoranda em História da Arte pela Faculdade de Urbanismo – Universidade de São Paulo/Bolsista da FAPESP.

O Rio de Janeiro possui uma Academia Imperial de Belas Artes. Nesta, se não existem em grande quantidade originais dos famosos mestres antigos e modernos, encontram-se todavia, alguns quadros dignos de nota.

O público, frequentando-a, poderia formar e educar o gosto pelo bello.

Para isso, porém, fora preciso que a tal Academia não se conservasse constantemente fechada como o cofre de um usurário. (...) Porque para ver ali obras d'arte, torna-se necessário um empenho ou uma recommendação para os distinctos funcionários, que dirigem o estabelecimento?"

Há muitos provincianos, tendo aliás já estado nesta capital, que conhecem apenas por tradição o famoso grupo de Bernardelli, a Primeira Missa, do Victor Meirelles, as obras de Pedro Américo e outras produções antigas e modernas de artistas nossos, que só são vistas durante as exposições. Por que estas exposições, além de raras, duram tão pouco. (FRANÇA JÚNIOR, 1886: 2, grifo nosso)

Depois da Proclamação da República e da reforma da antiga Academia a coleção cresceu, incorporando quadros de novos artistas nacionais, atuantes nos anos 1880 e 1890. Um documento da Escola Nacional de Belas Artes traz a relação dos quadros adquiridos nesta década, entre eles, *Caipiras negaceando*, de Almeida Junior; *Pescadores do Adriático*, de A. Parreiras; *Paisagem e Floresta* (guache) de João Batista Pagani e *Uma pedreira* de Eliseu Visconti. No ano seguinte foram adquiridos: *Chegou tarde*, *Cena do Rio Grande do Sul* e *Derrubada*, de Weingartner e os *Bandeirantes* de Henrique Bernardelli.

No ano de 1892, foram adquiridos os quadros *Paisagem*, de Batista da Costa, *Bela Vista*, de B. Parlagreco e *Modelo em repouso*, de Henrique Bernardelli, além de marinhas de Castagneto. De 1895 destacamos os quadros *Más notícias* de Rodolfo Amoedo, *Mangueira* de João Batista da Costa e *Recado Difícil* de Almeida Junior. No ano seguinte é adquirida uma paisagem pernambucana e o *Despertar de Ícaro* de Lucílio de Albuquerque. Em 1896 temos a compra de *Cesta estanhada* de Pedro Alexandrino.

Por outro lado, em 1904, foi adquirido por uma comissão formada por Rodolfo Amoedo e Henrique Bernardelli e Zeferino da Costa, "um álbum de desenhos e pinturas a guache e aquarelas do finado artista J. Reis de Carvalho, (...) julga o álbum do referido pintor digno de ser adquirido, por encerrar curiosas representações, cenas e costumes do nosso país". Acreditamos que devam ser imagens relativas à Comissão Científica do Império, que realizou uma viagem ao nordeste do país entre 1859 e 1860.

Quatro telas e três retratos pequenos de Nicolas-Antoine Taunay ingressam na coleção da ENBA em 1909, assim como o quadro *Farda Ginásiana* de Eugenio Latour, *A verde* de Augusto

Falésias e de *Interior de Atelier*, de Carlos Chambeland. Em 1910, o quadro *Interior bretão* de Presciliano da Silva e também é adquirido *Dame a la Rose* de Belmiro de Almeida. Em 1911, além de *Saudade* de Amoedo, começamos a perceber a aquisição regular de quadros de artistas estrangeiros como dos espanhóis José Pinello, Villegas Cordero e Francisco Pradilla.

No começo do século XX, é possível percebermos o aumento de mostras de artistas portugueses, espanhóis e italianos contemporâneos, como a exposição coletiva de pintores portugueses ocorrida no Rio de Janeiro que apresentou trabalhos de José Malhoa, Columbano, Ernesto Condeixa, Manuel Henrique Pinto e Carlos Reis. Diversas obras apresentadas nestas exposições foram adquiridas ou doadas para a galeria da ENBA, dado que demonstra grande afinidade artística entre Europa e Brasil. Migliaccio destaca que a entrada dessas obras para o acervo reflete a nova direção do gosto e a didática da Escola Nacional de Belas Artes, após 1890.

As exposições de artistas estrangeiros envolvem questões relacionadas ao circuito artístico e mercado de arte, à atuação de *marchands* estrangeiros no país, assim como à abertura de novos locais de exposição que permitem a ocorrência dessas mostras. Estes são pontos importantes que deverão ser analisados em nosso projeto de pesquisa de pós-doutorado.

Essa proposta de aquisição de obras de artistas vivos, como nota Fernanda Machado Tozzo, ocorre devido à “mudança paulatina dos valores artísticos ocorrida no início do século XIX na Europa.” A primeira ação neste sentido aconteceu no palácio de Luxemburgo, em 1818, com a criação de museus de Thorwaldsen e David d’Angers.

No final do século XIX obras de artistas inovadores, como os impressionistas, passaram a integrar os museus europeus e Roland Schaer relata que em 1896 o conservador alemão Hugo Von Tschudim da Galeria Nacional de Berlim, demitiu-se do cargo após diversas críticas por adquirir obras de Manet, Monet, Renoir e Cézanne. Por outro lado, a Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma, inaugurada em 1885, como notamos em nossa tese de doutorado (SILVA, 2011: 334), deriva de um contexto italiano em que desde os anos 1860 se discutia a necessidade de criar na capital um museu para reunir as obras de excelência apresentadas nas Exposições Nacionais, voltado à coleção de obras contemporâneas das tendências mais recentes e priorizando a aquisição de trabalhos de “*artisti viventi*”, como forma de apoiar as novas produções. Essa valorização das obras modernas na Itália é uma tendência que o diretor da ENBA, Rodolfo Bernardelli pode perceber

em seus anos em Roma e notamos que ela se faz presente na aquisição das obras para a Galeria da Escola Nacional de Belas Artes.

Não possuímos informações sobre os procedimentos para compra de obras anteriores a 1902, quando houve uma grande aquisição para a ENBA. A partir dessa data a escolha dos trabalhos a serem adquiridos passa a ser feita por uma comissão constituída por Rodolfo Bernardelli², diretor da Escola, do professor Rodolfo Amoedo e Carlos Américo dos Santos, jornalista, “para que dessem parecer sobre o merecimento das obras d’arte que por ventura fossem propostas ao Governo.” Essa comissão foi responsável pela aquisição de vários quadros, comprados do representante Guilherme da Rosa: “A luva branca”, “Madona e a locandeira” e “Soldado”, de Columbano Bordallo Pinheiro; “Um homem ao mar”, de Ernesto Condeixa; “Os amores do moleiro”, de Carlos Reis; “A saída do rebanho”, de Manoel Henrique Pinto; e “A sesta”, “A corar a roupa” e “Goçando os rendimentos”, de José Malhoa, entre outros.

Em 1902 foram adquiridos também dois quadros do espanhol Federico Madrazo da Galeria Cambiaso, cabeças de estudo das quais não dispomos de maiores informações. Os documentos preservados no arquivo histórico do MNBA apresentam ainda informações sobre a compra de uma obra do espanhol Francisco Pradilla.

O historiador Luiz Marques realizou um grande levantamento da arte italiana presente no acervo do Museu Nacional de Belas Artes, publicado no catálogo *Arte italiana em coleções brasileiras 1250-1950*. Nesta publicação, em relação aos quadros do século XIX, nota-se a presença de dois quadros do pintor italiano Antonio Mancini, “Fantasia” e “O Louco”; que estão presentes no acervo desde 1893, dos quadros “Idílio” de Giacomo Favretto e “Dor” de Angello Dall’Oca Bianca, obtidos em 1902 com o marchand André de Oliveira e finalmente as telas “Cabras” e “Jumentos” de Giuseppe Palizzi, doadas pelo colecionador Luiz de Resende. Em 1908 é possível constarmos a aquisição do quadro “Chiesa della Salute”, de Filippino Carcano, uma vista da cidade de Veneza. Sabemos que o pintor italiano teve entre seus alunos o brasileiro Antonio Parreiras.

Outra aquisição importante para a coleção de arte internacional do Museu foi realizada em 1906, quando ocorreu uma mostra individual de José Malhoa, a convite do Gabinete Português de

² Em nosso projeto de doutorado acreditávamos inicialmente que a responsabilidade pela compra das obras seria apenas de Rodolfo Bernardelli, mas constatamos ao longo da pesquisa para a tese, em fontes primárias preservadas no MNBA, que a decisão era tomada por uma comissão ou por um grupo de professores da ENBA e não só pelo diretor, embora muitas vezes os documentos fossem redigidos e assinados por ele. Cf. SILVA, 2011: 335.

Leitura do Rio de Janeiro, comentada pelos principais jornais da cidade. O quadro “As cócegas”, do pintor português, após ter sido muito ressaltado pela crítica da época, passou a integrar a Galeria da Escola Nacional de Belas Artes, juntamente com diversos desenhos doados pelo artista. Uma primeira versão do quadro fora apresentada no Salão do Grêmio Artístico de 1894. Um crítico do jornal português “O Antonio Maria” exaltou as qualidades do trabalho pela sensualidade implícita no gesto da moça que provoca, com uma espiga, o rapaz estendido sobre o feno. O articulista do jornal destacou o intenso cromatismo, que sugere o calor característico do verão, e afirma que:

... o tratamento nervoso, largo, do chapéu, dos panejamentos da saia, vermelha, e dos caules de trigo, a atmosfera abrasadora são elementos que fazem d’ *As cócegas* uma obra de respiro largo e um dos melhores quadros da pintura portuguesa deste período.

A tela foi exposta no Salão de Paris, em 1905, com o título de “Chatouillant”. No ano seguinte, foi apresentada em mostra individual do artista no Rio de Janeiro, quando foi adquirida para a Galeria da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, compondo atualmente o acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Na ocasião da mostra de Malhoa no Brasil, o crítico Gonzaga Duque escreveu sobre sua obra, ressaltando a sinceridade de expressão que ele obtinha em suas obras e as suas qualidades de pintor de paisagens ao ar livre:

possui uma impulsiva afetibilidade para os humildes; o viver simples dos campônios, as cenas provincianas, o feitio achavascado do montanhês, o tipo sadio da varina, a miséria fuliginosa dos casais dão os melhores dos seus quadros, são os temas prediletos da sua paleta. (...) A habilidade que aí está corresponde à que se admira no ar livre, intitulado *Cócegas*, a maior de suas telas (...) há a grandeza planimétrica da paisagem louca de trigos em ceifa, a grandeza aérea dos céus, do horizonte, a gama em dois tons do solo juncado de paliçada, a corporatura animal dos saloios em folga, o desalinho sujo de suas vestes das fadigas... (DUQUE, 1997: 42-44)

Após ser comprada a tela de Malhoa foi exposta na Exposição Geral de Belas Artes de 1906, juntamente com quadros de alunos e professores da Escola Nacional de Belas Artes.

As doações de colecionadores foram, como já destacamos, muito importantes para a composição da coleção. Luciano Migliaccio destaca a coleção de Joaquim Augusto da Silva Porto, que foi o primeiro secretário e segundo diretor do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, tendo sido ainda, primeiro secretário, bibliotecário e diretor das aulas do Liceu Literário Portu-

guês. Em 1902, Cunha Porto doou obras de artistas portugueses à Escola Nacional de Belas Artes, que segundo o autor, parecem “ter formado o núcleo mais importante e consistente de autores portugueses no acervo brasileiro.”. As várias doações feitas por colecionadores brasileiros à galeria da ENBA foram comentadas por Paulo Knauss em estudo recente:

No Rio de Janeiro, ao longo do século XIX também se organizaram outras grandes coleções particulares de arte significativas, com a especificidade da ênfase na arte estrangeira. (...) Especialmente o período do Segundo Reinado e das primeiras décadas da República ficaram marcadas pelos colecionadores de arte e pintura européia. O Museu Nacional de Belas possui acervo originado de colecionadores importantes, que contribuíram para a afirmação da pinacoteca da antiga Escola Nacional de Belas Artes. Antes de seu falecimento Salvador de Mendonça já havia contribuído com doações à instituição oficial de promoção das artes. Em 1922 foi a vez da viúva do Barão de São Joaquim cumprir o desejo do falecido marido, doando 64 obras à pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes, na maioria pintura a óleo, além de desenhos e aquarelas européias. Destacam-se no lote vinte pinturas de Eugène Boudin e criações de influência impressionista como de Alfred Sisley, além de obras mais antigas como uma tela de Brueghel de Velours ou um David Teniers, do século XVII. Do universo social do Império do Brasil, emergiu igualmente a coleção do Conde de Figueiredo, conhecida por 38 pinturas doadas à ENBA. **Desse conjunto, é possível considerar também a articulação estabelecida com a instituição oficial das artes. Isso significa dizer que os colecionadores, através de suas doações, fortaleciam a referência institucional do campo artístico.** (KNAUSS, s.d, grifo nosso)

Arthur Valle destaca o acréscimo ao acervo de pinturas portuguesas da Pinacoteca da ENBA, relacionado à doação de trinta e sete pinturas, em 1926, pelo colecionador português Luís Fernandes: composta por quadros como *Retrato de Josefa Garcia Greno*, de Adolfo Greno; *Mulher com Luneta*, de Columbano; e *Um compasso difícil (Lição de violino)*, de Malhoa, além de alguns estudos de paisagem de Silva Porto.

Em nossa comunicação pretendemos ressaltar a importância de algumas aquisições e doações feitas para a Galeria da Escola Nacional de Belas Artes, agora Museu Nacional de Belas Artes, de obras nacionais e estrangeiras, ressaltando a importância da escolha desses quadros e esculturas adquiridos para este acervo. Esses trabalhos se relacionam à visão artística dos novos professores e diretores da instituição sobre as obras que deveriam ser preservadas e expostas ao público e apontam dessa maneira para questões museológicas e da crítica da arte do período.

BIBLIOGRAFIA

- DOCUMENTO da Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, 20 abril 1904. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Belas Artes, (Pasta AI / EN 54)
- DUQUE, Gonzaga. *Graves e Frívolos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Livraria Sette Letras, 1997, p.42-44.
- FRANÇA Júnior. Nós. *O Paiz*, 18 jan. 1886, p.1-2. Coluna Echos Fluminenses.
- HUELVA, Júlio. Bellas Artes. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1875, p.1. Folhetim da Gazeta de Notícias.
- KNAUSS, Paulo. O cavalete e a palheta. A prática de colecionar no Brasil. Disponível em: http://www.historia.uff.br/labhoi/files/May07HQ6_MUCt_cavalete_paleta.pdf
- Acesso em 03 abr. 2011.
- MACHADO, Fernanda Tozzo. *Os museus de arte no Brasil moderno: os acervos entre a formação e a preservação*. Campinas, SP : [s. n.], 2009. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- MARQUES, Luiz. *A arte italiana no Museu Nacional de Belas Artes, 1250-1950*. São Paulo: MNBA, 1996. 106 p., il color. ([Arte Italiana em Coleções Brasileiras, 2]).
- MIGLIACCIO, Luciano. Notas para um inventário de obras de arte portuguesa em coleções brasileiras. In: SEPARATA da obra II Congresso Internacional de História da Arte - Portugal: Encruzilhada de Culturas, das Artes e das Sensibilidades, 2001. Coimbra : Almedina, 2005, 991-1003.
- PORTUGAL. Ministério da Cultura. *A pintura de Malhoa : amar o outro mar*. Lisboa: [s.n.], 2003, p.58.
- SILVA, Maria do Carmo Couto da. *Rodolfo Bernardelli, escultor moderno: análise da produção artística e de sua atuação entre a Monarquia e a República*. Campinas, SP: [s. n.]. Tese de Doutorado em História da Arte, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000785279>. Acesso em 15 maio 2012.
- VALLE, Arthur. Considerações sobre o Acervo de Pintura Portuguesa da Pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes. *19&20*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/portugueses_enba.htm>. Acesso em 05 maio 2012.